

A ÚLTIMA RESPOSTA

ISAAC ASIMOV
SONHOS DE ROBÔ

Murray Templeton tinha 45 anos de idade; estava na plenitude de sua vida e com todas as partes do seu corpo funcionando com perfeição... exceto alguns trechos vitais de suas artérias coronárias. Isso no entanto, foi o suficiente. A dor veio repentinamente, chegou a um ponto insuportável e, aos poucos, foi diminuindo. Ele podia sentir a respiração parando. Uma deliciosa sensação de paz o inundou.

Não há nada mais agradável do que a ausência de dor - imediatamente depois da dor. Ele sentiu uma alegria vertiginosa, como se tivesse levantado e estivesse pairando no ar.

Abriu os olhos e percebeu, com uma discreta alegria, que os outros ainda estavam agitados. Estava no laboratório quando a dor o abateu sem nenhum aviso; ao cambalear ouviu os outros gritando surpresos. Depois tudo deu lugar a uma agonia avassaladora.

Agora que a dor tinha passado os outros ainda estavam inquietos, ansiosos e reunidos em torno do seu corpo caído...

Repentinamente, ele percebeu que estava olhando a cena, lá do alto. Seu corpo estava lá embaixo, estirado no chão, com o rosto contorcido. Ele estava aqui em cima, observando em paz.

Pensou: milagre dos milagres! As besteiras sobre a vida eterna estavam certas.

Apesar de ser uma maneira humilhante para um físico ateu morrer, ele apenas sentiu uma agradável surpresa, não houve nenhuma alteração na sensação de paz em que tinha mergulhado.

Ele pensou: devia haver algum anjo - ou uma coisa no gênero - vindo me receber.

A cena terrestre estava se desvanecendo. Sua consciência foi invadida pela escuridão e de um ponto distante, como um último relance de visão, apareceu uma figura iluminada, com forma vagamente humana, irradiando calor.

Murray pensou: estão brincando comigo. Estou indo para o céu.

Assim que ele pensou nisso, a luz se apagou, mas o calor continuou. A sensação de paz não diminuiu, apesar de, em todo o Universo, restarem apenas ele... e a Voz.

- Faça isso com muita frequência - disse a Voz, mas ainda assim me emocionou a cada sucesso.

Murray pensou em dizer algo, mas não sabia se possuía uma boca, uma língua, ou cordas vocais. No entanto, tentou articular um som. Sem a menor pretensão, tentou sussurrar palavras ou soprá-las ou colocá-las para fora por intermédio da contração de... alguma coisa.

E elas foram pronunciadas. Ele ouviu sua própria voz, facilmente identificável, e suas próprias palavras, infinitamente claras.

- Isso é o céu? - disse ele.

- Esse lugar não é como o lugar que você imagina - disse a Voz.

Murray ficou atrapalhado, mas tinha que fazer a pergunta.

- Desculpe se pareço um pouco imbecil, mas você é Deus? Sem mudar a entonação ou de algum modo pretendendo soar com perfeição, a Voz conseguiu ser engraçada.

- É estranho que sempre me perguntem isso, claro que das maneiras mais diferentes possíveis. Você

não compreenderia a resposta que posso lhe dar. Eu sou... isso é tudo o que posso dizer de significativo, e você pode me rotular com palavra ou conceito que lhe agradar.

- E o que eu sou? - disse Murray. - Uma alma? Ou eu ainda sou apenas uma existência personificada? - Tentou não parecer sarcástico, mas não conseguiu. Rapidamente pensou em acrescentar "Vossa Alteza" ou "Santidade" ou algo que atenuasse o sarcasmo, e não pôde dizer isso, mesmo que, pela primeira vez em sua existência, admitisse a possibilidade de ser punido com o inferno ou coisa semelhante por causa de sua insolência - ou pecado? A Voz não parecia ofendida.

- É fácil você explicar-se... até mesmo para você. Você pode se chamar de alma, se isso lhe agrada, mas você, na verdade, é uma conexão de forças eletromagnéticas, arrumadas de modo a que todas as interconexões e inter-relações sejam exatamente iguais às do seu cérebro em sua existência universal... até nos menores detalhes.

Além disso, você tem capacidade para pensar, ter lembranças e uma personalidade própria. Você vai achar que ainda é você mesmo.

Murray ficou perplexo.

- Você quer dizer que a essência do meu cérebro é permanente?

- Não, de jeito nenhum. Nada seu é permanente, a não ser o que eu decidir que seja. Eu criei a conexão. Eu a construí enquanto você desfrutava sua existência física e ajustei-a para o momento em que sua vida terrestre chegasse ao fim. - A Voz parecia visivelmente satisfeita consigo mesma e, depois de uma rápida pausa, acrescentou:

- Uma construção complexa, mas muito precisa. É claro que poderia fazer isso com todos os seres humanos do seu mundo, mas prefiro não fazer. Sinto prazer em escolher.

- Você escolhe muito poucos, então.

- Muito poucos.

- E o que acontece com o resto?

- Caem no esquecimento. Ah, é verdade, você acredita no Inferno.

Murray teria corado se ainda tivesse um rosto.

- Não penso assim. É só uma maneira de falar. Até agora, nunca tinha pensado que fosse virtuoso ao ponto de chamar a sua atenção e me tornar um Eleito.

- Virtuoso? Ah, sei o que quer dizer. É um incômodo ter que me forçar a pensar no mesmo nível que o seu. Não, eu o escolhi por causa de sua capacidade de pensar, assim como escolho outros, em quatrilhões, em todas as espécies inteligentes do Universo.

Murray se sentiu subitamente curioso, um hábito que adquirira quando era vivo.

- Você escolhe as pessoas sozinho ou há outros iguais a Você? Por um instante Murray pensou que estava tirando a paciência da Voz, mas, quando Ela surgiu, continuava imperturbável.

- Se há outros ou não isso é irrelevante para você. O Universo é meu, só meu.

É uma invenção minha, uma construção minha, tudo foi planejado só para satisfazer meus propósitos.

- E mesmo com quatrilhões de conexões criadas por você, você perde tempo comigo? Sou tão importante assim?

- Você não tem a menor importância - disse a Voz. - com os outros eu ajo de um modo que, na sua maneira de ver, pareceria igual.

- Você é único?

- Você está tentando me colocar numa armadilha sem consistência - disse a Voz, num tom novamente divertido. - Se você fosse uma ameoba que só pudesse considerar a individualidade em conexão com pequenas células, e se fosse perguntar a um cachalote com 30 quatrilhões de células se ele é um ou muitos, de que forma o cachalote poderia responder para que isso fosse compreensível para a ameoba?

- Pensarei nisso - disse Murray secamente. - Talvez um dia venha a entender.

- Exatamente. É para isso que está aqui. Para pensar.

- Com que finalidade? Parece que você já sabe tudo.

- Mesmo que eu soubesse tudo não poderia saber que sei tudo.

- Isso me lembra a filosofia ocidental... uma coisa que parece profunda exatamente porque não tem significado.

- Você promete - disse a Voz. - Você responde ao meu paradoxo com um paradoxo... Só que o que eu digo não é um paradoxo. Pense. Eu existo eternamente, mas o que isso quer dizer? Isso quer dizer que não posso me lembrar de quando comecei a existir. Se pudesse, não existiria eternamente. Se não posso lembrar de como comecei a existir, então pelo menos há uma coisa - a natureza das minhas origens - que não sei.

Assim, mesmo que eu saiba o que é infinito, também é verdade que o que há para conhecer também é infinito, e como posso ter certeza de que os dois infinitos são iguais? A infinitude do potencial de conhecimento pode ser infinitamente maior do que a infinitude do meu conhecimento atual. Aqui está um simples exemplo: se eu conhecesse a totalidade dos números inteiros pares eu teria um número infinito de informações e, mesmo assim, ainda não conheceria um único dos números inteiros ímpares.

- Mas os números inteiros ímpares podem ser derivados. Se você dividir todos os números inteiros pares dessa série infinita por dois, você vai obter outra série infinita que contém dentro de si a série infinita dos números ímpares.

- Você tem a noção - disse a Voz. - Estou satisfeito. Sua tarefa será encontrar outros caminhos como esse, por mais difíceis que sejam, do conhecimento para o ainda-não-conhecido.

Você ainda tem memória. Você se lembrará de todos os dados que já tenha pesquisado ou aprendido, que já tenha deduzido ou que venha a deduzir desses dados. Se necessário, terá permissão para aprender os novos dados que considerar relevantes para resolver os problemas que você mesmo estabelecer.

- Você não poderia fazer isso sozinho?

- Posso - respondeu a Voz. - Mas assim é mais interessante. Construí o Universo para ter mais fatos com que lidar. Inseri o princípio da incerteza, a entropia e outros fatores casuais para fazer com que o todo não seja tão monótono. Isso tem funcionado muito bem e tem me entretido ao longo de toda a minha existência.

- Depois, pensei em estruturas que dessem origem à vida, e, em seguida, à inteligência, e usei isso como uma forma de pesquisa coletiva, não porque precise de ajuda, mas porque isso introduziria um novo fator casual. Cheguei à conclusão de que não podia prognosticar a próxima área de interesse a ser conquistada pelo conhecimento, de onde ela viria, de que forma seria obtida.

- Isso já aconteceu? - perguntou Murray.

- Certamente. Não há um século em que não apareça alguma coisa interessante em algum lugar.

- Algo que você poderia ter pensado sozinho, mas que até então não tinha feito.

- Sim.

- Você acha mesmo que há alguma coisa que eu possa fazer por você?

- No próximo século? Literalmente não. No entanto, a longo prazo o seu sucesso é certo, desde que você se engaje para sempre.

- Poderei pensar eternamente? Para sempre?

- Sim.

- Para quê?

- Já lhe disse. Para adquirir novos conhecimentos.

- Mas, além disso, para que preciso descobrir novos conhecimentos?

- Foi o que você fez em sua vida terrestre. Qual o seu objetivo naquela época?

- Adquirir novos conhecimentos que só eu pudesse adquirir. Para ser admirado pelos meus companheiros. Para sentir a satisfação de concluir um trabalho, mesmo sabendo que tinha um tempo certo para alcançar o meu objetivo. Agora eu só poderia conquistar algo que, se você se esforçasse um pouco, poderia descobrir sozinho. Você não pode me admirar. Você só quer se divertir. E não há mérito ou satisfação em concluir um estudo quando se tem toda a eternidade para isso.

- Você não acha que um pensamento e uma descoberta se justificam por si só? Você não acha que isso é mais importante do que qualquer objetivo pessoal?

- Por um tempo finito, sim. Não para toda a eternidade.

- Compreendo o seu problema. No entanto, você não tem escolha.

- Você diz que estou aqui para pensar, mas não pode me obrigar a fazer isso.

- Não pretendo obrigá-lo diretamente. Não precisarei disso. Já que a única coisa que pode fazer é pensar, você pensará. Você não sabe como não pensar.

- Então, estabelecerei uma meta para mim. Inventarei um objetivo.

- Certamente, você pode fazer isso - disse a Voz, tolerante.

- Já encontrei um objetivo.

- Posso saber qual é?

- Você já sabe. Sei que estamos falando só por falar. Você ajustou minha conexão de um modo que acredite ouvi-lo e falar-lhe, mas você transfere pensamentos para mim diretamente. E quando minha conexão muda com meus pensamentos, imediatamente você os adivinha, sem precisar da minha transmissão voluntária.

- Você está surpreendentemente certo - disse a Voz. - Estou satisfeito. Mas também me satisfaz ter você para me contar seus pensamentos voluntariamente.

- Então, eu lhe contarei. O objetivo de minhas reflexões será descobrir uma forma para interromper a conexão que você criou para mim. Não quero pensar apenas com o propósito de diverti-lo. Não quero pensar para sempre só para diverti-lo. Não quero existir para sempre só para diverti-lo. Todas as minhas reflexões se voltarão

para acabar com essa conexão. Isso me divertia.

- Não faço nenhuma objeção - disse a Voz. - Até um pensamento concentrado no fim de sua própria existência pode, a despeito de você, levar a algo novo e atraente. E, é claro, se você for bem-sucedido na sua tentativa de suicídio, não concluirá nada, pois imediatamente eu o reconstruiria e, de uma certa forma, tornaria seu método de suicídio impossível. E se você achasse uma outra forma mais sutil para interromper a si mesmo, eu o reconstruiria com essa possibilidade eliminada, e por aí em diante. Poderia ser um jogo

interessante, mas, de um jeito ou de outro, você existirá eternamente. Esta é minha vontade.

Murray sentiu um tremor, mas as palavras saíram naturalmente.

- Estou no Inferno, afinal? Você afirmou que não, mas se isso fosse o Inferno, você mentiria, como parte do jogo do Inferno.

- Nesse caso, tudo o que você precisa é que lhe garanta que não está no Inferno? Então, eu lhe garanto. Aqui não há nem Céu nem Inferno. Somente eu mesmo.

- Leve em conta, então, que meus pensamentos podem ser inúteis para você. Se não posso ser-lhe útil em nada, não lhe custará nada... me desmontar e parar de me incomodar.

- Como uma recompensa? Você quer o Nirvana como prêmio para o fracasso e quer me garantir que fracassará? Não há nenhum acordo nisso. Você não falhará. com toda a eternidade pela frente, você não pode evitar de ter ao menos um pensamento interessante, mesmo que seja contra sua vontade.

- Então criarei outro objetivo para mim. Não tentarei me destruir. Minha meta será desmoralizá-lo. Pensarei em alguma coisa em que você não apenas nunca tenha pensado, mas na qual jamais poderia pensar. Pensarei na última resposta, além da qual não há mais nenhum conhecimento.

- Você não compreende a natureza do infinito. Talvez haja coisas que ainda não tenha me preocupado em saber. Mas não há nada que eu não possa saber.

- Você não pode saber sobre sua origem - disse Murray, pensativo. - Você disse isso. Além do mais, você não pode conhecer seu fim. Muito bem, então. Esse será o meu objetivo e essa será a última resposta. Não me destruirei. Eu destruirei você... Se você não me destruir antes.

- Ah - disse a Voz. - Imaginei que você precisasse de mais tempo para chegar a esse ponto. Pensei que fosse demorar mais. Não há ninguém, em toda a minha existência de pensamentos perfeitos e eternos, que não tenha a ambição de me destruir. Mas isso é impossível.

- Tenho toda a eternidade para pensar numa maneira de destruí-lo.

- Então tente pensar nisso - disse a Voz, serenamente.

Ela se foi. Mas Murray tinha seu objetivo e estava feliz.

E o que poderia alguma Entidade, consciente de sua existência querer... senão o fim? O que mais vinha a Voz procurando, através de incontáveis bilhões de anos? E por que outra razão a inteligência tinha sido criada, e certas espécies tinham sido protegidas e colocadas para trabalhar, a não ser para ajudar numa grande procura? Murray pretendia que fosse ele e ele sozinho, o descobridor.

Cuidadosamente, com a excitação de quem agora tinha um objetivo, Murray começou a pensar.

Ele tinha tempo de sobra.